

A salvar vidas de crianças desde 2006

Ataca → Primeira Organização não-governamental a nascer no Porto já ajudou mais de um milhar de crianças

JOÃO QUEIROZ
joao.queiroz@grandeportoonline.com

A salvar crianças desde 2006. Não é lema, é uma ambição permanente, um objectivo constante, uma vontade real. Entre as pontes de solidariedade que ligam Portugal a África, há uma que se rasga entre o Porto e Moçambique graças à Ataca, o nome que se dá à Associação de Tutores e Amigos da Criança Africana. É a primeira Organização não-governamental (ONG), sem qualquer filiação política ou religiosa, a nascer na cidade Invicta.

Mais de um milhar de crianças ajudadas, mais de 300 famílias apoiadas e mais de uma dúzia de missões realizadas em pouco mais de três anos. São números de eleição para uma associação que não vê números em quem ajuda. “Porque aqui a criança não é apenas uma número, é uma pessoa com nome”, explica Manuela Almeida, a presidente da direcção.

Tudo nasceu graças à ambição de um grupo de



● A Ataca já apoiou, desde a sua fundação, mais de um milhar de pessoas

adolescentes de um colégio do Porto, que partilhava curtas experiências de um mês de voluntariado em Moçambique – pouco tempo, concluíram eles, para quem deles precisava um ano inteiro. E assim nasce a Ataca e, cerca de meio ano depois, a sua grande missão: o Projecto Tutor à Distância (PTàD). O objectivo é mobilizar as pessoas a financiarem mensalmente, através de

uma quantia de cinco, dez ou vinte euros, as despesas de sobrevivência de uma criança. Como recompensa, o tutor (ou padrinho) recebe periodicamente informações sobre o seu afilhado, desde o desempenho escolar, fotografias, cartas escritas pela mão das crianças, desenhos e até mensagens vídeo.

O conceito não é novo, mas tem características que o distinguem. “Dife-

renciamo-nos das outras ONG pela quantidade e pela qualidade de informação que é disponibilizada ao tutor”, sublinha o coordenador do projecto, Miguel Freitas.

Outra das particularidades é que, ao contrário do que acontece em outras organizações, os fundos angariados revertem na totalidade para o sustento das crianças, acrescenta Fernando Leite, um dos funda-

dores da associação: “Não acreditamos em levar coisas de cá para dar lá, nós levamos o financiamento para lá, apoiamos o crescimento da economia local.”

ONG EM TEMPO RECORDE

A sustentabilidade do projecto e a sua capacidade de auto-financiamento (que para além dos donativos, das quotas pagas pelas três dezenas de sócios, também é conseguido através de festas, torneios desportivos e quermesses de Natal) tornaram possível, em tempo recorde, o reconhecimento da associação como ONG. Em pouco mais de três anos, a Ataca conseguiu aquilo por que muitas instituições lutam há mais de dez anos. Na prática, a distinção, sublinha Miguel Freitas, “não mudou nada”, trouxe apenas a possibilidade de candidatura a determinados fundos. É apenas uma acreditação, que trouxe “credibilidade” a uma associação que do Porto quer conquistar o País para continuar a ajudar o mundo.

Como se tornar sócio da Ataca?

É necessário preencher o formulário disponibilizado no site www.ataka.org. Depois, receberá via email uma proposta de sócio e a cópia integral dos estatutos da associação. A quota mensal é de dez euros.

Como se tornar voluntário?

Toda a gente pode ser voluntário(a) da Ataca, tanto em Portugal como nos países onde a associação desenvolve projectos. Para isso, basta contactar a associação e inscrever-se no banco de voluntários. Depois, será chamado, dependendo das necessidades da Ataca e das habilitações, competências e interesses do proponente a voluntário.

De bicicleta em missão por Moçambique

Pelas ruas de Moçambique rapidamente descobrimos os jipes de associações humanitárias como a World Vision ou da UNICEF. Não tão fácil é encontrar os voluntários da Ataca que de bicicleta ou a pé, quando elas são roubadas, percorrem os pouco seguros bairros moçambicanos. “Não existe ninguém a fazer o mesmo. Vêm-se aquelas campanhas de sensibilização, muito concentradas no VIH/Sida, mas longe do terreno”, explica Rita Esteves, vogal da direcção da Ataca e que já se aventurou três missões.

A Casa Esperança, um orfanato masculino localizado em Quelimane, na

quarta maior cidade moçambicana, é a grande base da Ataca. A educação, a alimentação e outras despesas do género das 30 crianças, entre os seis e os 18 anos, são em grande parte suportadas pelo projecto da associação.

Mas há volta de Quelimane há 150 famílias das crianças, órfãs de pai ou de mãe, que são apoiadas pelo PTàD. O dinheiro proveniente do padrinho português da criança é entregue a uma pessoa da família responsável pela sua gestão. A partir daí, os voluntários desenvolvem o trabalho de uma assistente social: passado um mês, é feita uma nova visita, em que se faz

uma vistoria à casa: verifica-se o que tem, o que não tem e tiram-se fotografias aos quatro cantos da casa. Os dados recolhidos são depois comparados com aqueles que são actualizados na visita seguinte. Tudo é controlado ao pormenor.

“Não é difícil perceber” se o dinheiro está a ser gerido correctamente: analisam-se as notas da escola, verifica-se o número de faltas da criança ou se ela tem ou não uniforme. E quando se chega à conclusão que o projecto não está a resultar, o tutor é logo informado e o apoio é retirado. “Este é o projecto que nos ocupa grande parte do tempo, que obriga a uma atenção cons-

tante e implica um grande trabalho, porque as casas são muito longe, com condições complicadíssimas”, conta Rita.

O apoio da Ataca estende-se ainda uma escola de ensino pré-escolar da cidade de Ocua, gerida pelas Missionárias da Boa Nova, que vestem, alimentam e medicam as crianças.

VOLUNTARIADO DE CONTINUIDADE

Na Ataca, o voluntariado pode ser de curta duração (até seis meses) e de longa duração (de seis meses a um ano). “É um voluntariado de continuidade. Procuramos ter durante o ano pelo menos um voluntário no



● Apoio escolar é fundamental em Moçambique

terreno. Quando há troca de missões, há sempre um mês de sobreposição entre os voluntários que lá estão e os que vão, para não haver quebras no trabalho”, explica Miguel Freitas.

O voluntariado também existe no Porto e “é tão ou mais importante do que aquele que é feito no terre-

no”, uma vez que a informação que é recolhida pelos voluntários em missão tem que ser organizada em bases de dados pelos que estão em Portugal e que depois é enviada aos tutores. “Porque a transparência e a verdade são os nossos grandes valores”, acrescenta Manuela Almeida.